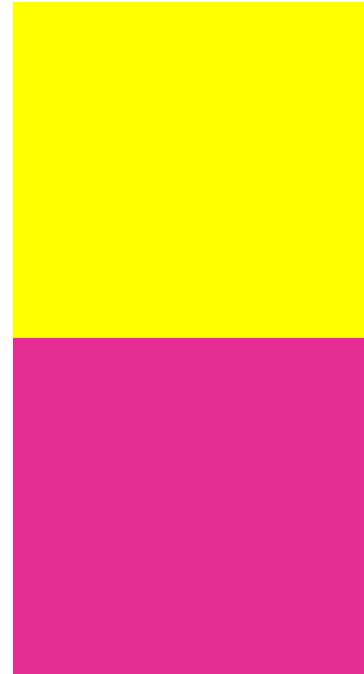


# Causas e razões do apagão na Venezuela



Jeudiel Martinez

*Sociólogo da Universidade Central de Venezuela, onde foi professor convidado.  
É autor do livro A rebelião obediente sobre o colapso da Venezuela*

*Tradução Diane Porto*

"... existe um mecanismo de exploração da sociedade, do qual o sistema político corrupto é um aspecto cada vez mais visível ... Uma combinação de gangues (deveríamos chamar facções?) Operar de maneira especializada com a lógica de pagamento de "proteção". O espólio é dividido pelos donos do poder que fazem concessões eventuais, muito raras e pequenas para a sociedade. Esse sistema usurpou o lugar da política e esvaziou seu poder como ação, baniu da vida pública a noção republicana de mandato como serviço ..."

Marina Silva<sup>1</sup>

"... é difícil acreditar que há algo público em um governo em que tudo pertence a um".

La Boétie<sup>2</sup>

## Irresponsável

Há algo nos racionamentos de todos os tipos que é afim à natureza do chavismo. Esta afinidade não repousa no mero ato de racionar senão na arbitrariedade em como se executa: há um programa de racionamentos que foi anunciado, mas não se cumpre, ao menos, não exatamente; não somente os cortes de eletricidade duram mais do que deveriam durar, senão que é difícil saber quando se trata de uma falha ou quando se trata de um racionamento não anunciado.

Talvez não seja a ideia desde o início, mas inevitavelmente tem que sê-lo em algum momento porque é a única que corresponde com o modo de vida que o chavismo impõe.

Mesmo os empregados da Corpoelec sabem tanto quanto os usuários: eles mesmos dizem que, como que caídas do céu, chegam às subestações os anúncios e ordens de cortar a eletricidade. Às vezes a eletricidade se vai porque houve uma falha, às vezes porque, devido a algum problema, decidem "administrar" a carga elétrica, outras, como parte do programa de racionamento. Durante os primeiros anos da crise elétrica os burocratas da Corpoelec insistiam que o racionamento não poderia ser planejado devido à imprevisibilidade das subidas e quedas da carga elétrica. Logo vieram, nos anos seguintes, racionamentos relativamente programados, mas isso foi basicamente em razão do descontentamento e da pressão do povo.

---

<sup>1</sup> Marina Silva. "Seremos Capazes De Desmontar O Mecanismo?" (Disponível em <https://marinasilva.org.br/seremos-capazes-de-desmontar-o-mecanismo/>)

<sup>2</sup> Étienne de La Boétie, *Discurso Sobre a Servidão Voluntária*.

Porém, esse é um descontentamento e uma pressão que não possuem canais regulares para manifestarem-se; quase não há vias formais para apresentação de queixas: os telefones para contato de entidades como Corpoelec, Hidrocapital, etc, raras vezes funcionam, sendo o Twitter a interface entre o governo e os usuários (e o Twitter de qualquer entidade pública está saturado de propaganda). Seria ridículo apresentar uma demanda contra o estado num tribunal.

Para que o governo se preocupe com os serviços públicos, os usuários têm que protestar ou provocar rebelião - pelo menos, tentar a possibilidade disso. Na necrogestão, se trata de quanto se pode degradar o serviço público sem que o país colapse ou o povo se rebele, ou seja, não se faz mais do que administrar um grau de decomposição limitando tanto quanto possível os prejuízos e extraindo-lhe o máximo proveito.

Ocorre que, o conceito de serviço público, em seu estrito sentido, é muito difícil de entender para o chavismo, que o vê como dádiva ou como meio de controle, ou mesmo como logística para a vida cotidiana. Serviço público supõe que aquele que presta o serviço tem que responder ao usuário e o que o chavismo tem feito, ao menos desde 2005, é eliminar - com uma pequena ajuda da "oposição" - todas as formas de responsabilidade, se entendemos por isso não somente uma relação jurídica, mas sobretudo, a relação de poder que essa relação jurídica expressa: ser responsável perante o outro é ter que comportar-se de determinada maneira, que as forças do outro se imponham às nossas, as limitem, ainda que seja momentaneamente, a obedecer ou cumprir.

Assim, seja qual for a forma que tome a república, a ideia de serviço público implica que o governante tenha que responder ante uma cidadania e a instituições autônomas frente a ele. O chavismo, porém, tem uma ideia arcaica - ou neo-arcaica - de soberania, em que isto é inconcebível; de fato, aberrante: o soberano não responde a ninguém. Por isso, raras vezes os hierarcas chavistas se submetem a conferências de imprensa ou entrevistas com jornalistas estrangeiros: responder a perguntas é problemático como conceito, pois o poder como o chavismo o entende é Uno, indivisível, e não responde ante nada exceto ao "povo", ou seja, ante sua outra faceta, pois o estado, creem eles, é o povo organizado, ou seja, a forma que toma o povo.

Esse povo, contudo, não decide sobre sua própria forma; é organizado desde fora. Por isso, do Palácio de Miraflores, e não dos bairros, saiu a ideia do PSUV, do Conselho Comunal e a Comuna. Por isso, as ordens e slogans eram transmitidas de lá sem que

fossem questionadas. Em segundo lugar, o povo não é esta pessoa, aquela comunidade, este grêmio ou aquele conselho comunal que são apenas partes: ser parte do povo não é o mesmo que ser o povo.

Povo é apenas a totalidade indivisível dos venezuelanos e por isso, quando a Hugo Chávez lhe reclamavam algo em público, dizia que essas reclamações eram individuais. Por outro lado, ele, Chávez, sim era o povo, sempre e em todo momento - ou ao menos isso se dizia - pois o caudilho representava, encarnava, a unidade do povo e não a uma particularidade. Por isso decidia, sem ser questionado, sobre tudo e sobre a parte de cada um.

Assim, no momento representativo, referendo ou eleição, se obedecia ao povo que neste momento, e apenas neste momento, existia para além de Chávez, enquanto que no "participativo", na cotidianidade, se dão ordens e atribuições sem consultar a parte participante. Perante o governo, o "chavismo popular" é feito de partes que não podem se encaixar entre si e são como esses imperadores crianças, reféns dos Shoguns. Crianças muito bem-comportadas que falam quando se lhes perguntam, fazem o que se lhes ordenam, creem no que se lhes dizem.

O resultado é que não há responsabilidade nem relação política entre governantes e governados, mas simplesmente, como diz a teoria dos funcionários chavistas, há uma "interpelação", ou seja, uma solicitação, petição, súplica, mas nunca há realmente desacordo, debate, luta, protesto, diferenças: o chavismo é corajoso somente perante aqueles que não são chavistas, perante aqueles que não têm aceitado a parte que lhes toca. Por isso, no chavismo, a política das bases é uma constante petição de audiência, uma interminável solicitação de recursos, de ajuda, de atenção: por favor, atendam-me.

Nesse contexto, o governo tem mobilizado os serviços públicos, não para servir a nada fora de si mesmo, senão para controlar o meio ambiente e garantir suas próprias operações. Isto é vital, uma vez que nem toda a população é chavista, não se enamorou pelo comandante, não se incorporou a ele. Controlar unilateralmente os fluxos da moeda, da eletricidade, da água, é essencial e o governo fornece como e quando lhe convém sem realmente prestar um serviço: eletricidade, gasolina e água, energia e matéria, formam parte do mesmo fluxo de clientela que os dólares baratos e a comida subsidiada.

A crença que o estado tinha recursos ilimitados para subsidiar tudo se enquadrou perfeitamente na prática de usar os subsídios para a energia e materiais essenciais, como a água, de maneira clientelista. Daí que a gasolina e a eletricidade eram basicamente gratuitas. Que essa gratuidade pudesse criar problemas de financiamento que contribuíssem para a degradação dos sistemas e redes, isso não foi nunca considerado, porque a capacidade das coisas degradarem-se não entrava na consciência do chavismo que, por um lado, estava obcecado em controlar a população e em obter de todos a mesma despreocupada obediência que obtinha de seus seguidores, e por outro lado, se acreditava possuidor de uma riqueza não em potencial, mas atual; e não limitada, porém, infinita: se os recursos não têm limites, não existe o desperdício.

Para esses fins, o serviço público, operacionalmente, tinha que ser centralizado, politicamente, tinha que estar em mãos leais, monopolizado pelo governo central, e dirigido somente por ele, ou seja, não somente tinha que estatizá-lo, mas tirá-lo dos governos e prefeituras. Legalmente, tinha que ser uma dádiva, um presente, a expressão não de um direito das pessoas, senão da generosidade do chavismo - o poder em contraste com a mesquinhez de seus inimigos que pediam ao povo para pagar pelos serviços públicos.

O slogan "somente em revolução" deixava isso claro: que não se pedia nada em troca, exceto lealdade, isto é, aceitar que o chavismo permanecesse no poder por tempo ilimitado. Era a antiquíssima relação patrão-cliente levada aos extremos mais delirantes, não como uma forma de conseguir votos ou recrutar multidões, mas como um modelo global para governar a vida.

Existente como crença e hábito, desde o período "puntofijista", a gratuidade da energia e da água eram maneiras fáceis de favorecer a população abandonada à pobreza. Dessa forma, o material cultural - digamos assim, do clientelismo chavista havia se estabelecido desde os anos 70, inclusive, na própria mente de Hugo Chávez.

Contudo, já no meio da crise, e na medida em que o chavismo se adaptara a um certo nível de protestos vigorosos e também a manter-se com apoio muito baixo, a conveniência de prestar e dar esses serviços diminuiu e se fez condicional: em meio a uma centralização extrema dos recursos, neste que se tornara um regime de administração do

desastre, passou a ser completamente razoável deixar sem eletricidade e sem água uma cidade como Maracaibo<sup>3</sup>.

### **Estatizar para privatizar**

Há analistas que falam, com razão, de um processo de reversão da democracia na Venezuela, de “desmocratização”, mas esse processo é inseparável do outro que desfez a república, que “desrepublicaniza” um país em que a república sempre foi frágil.

A desrepublicanização manifesta-se em três signos: a apropriação ou domínio, o saqueio dos recursos e a degradação. Isto mesmo é o que havíamos determinado como "causas das causas" da crise elétrica. Mas, de fato, esta tríade é comum à captura do estado pelo chavismo, ou seja, a encontramos em quase toda instituição pública venezuelana em algum nível. Apropriação, saqueio e decomposição seriam, então, a expressão da Desrepublicanização cujo substância é a captura do estado pelo chavismo.

O que de um ponto de vista chamamos Desrepublicanização, de outro podemos chamar de corrupção. Corrupção no sentido maquiaveliano e até Aristotélico do termo: decomposição. Porém, a decomposição na vida humana, como na natureza, é parte da geração de coisas novas: um animal decomposto libera matéria e energia que se integram ao ambiente. No caso do chavismo se trata de uma decomposição contínua, de uma morte em vida que não dá origem a nada mais que a si mesma.

Estamos, contudo, aqui diante de um processo complexo de degradação, decomposição e entropia cujas causalidades não são lineares. A tese antichavista tradicional, da classe média liberal, é linear: que o chavismo provocou o desastre com políticas estatistas. Já temos visto que outros países com políticas estatistas - ainda que, diferentes - como a China, possuem os melhores sistemas elétricos do mundo, no entanto, apenas porque desmantelaram a arquitetura monolítica dos serviços públicos.

E assim como é falso o segundo, também é falso o primeiro: na realidade, somente em um país que de entrada foi desrepublicanizado, corrompido e desastroso poderia o chavismo apropriar-se do estado, o que explica a fragilidade das instituições, a

---

<sup>3</sup>“A tragédia de Zulia: sem luz, sem água e sem soluções”. El Pitazo. 04/05/2019. (Disponível em <https://elpitazo.net/cronicas/la-tragedia-de-zulia-sin-luz-sin-agua-y-sin-soluciones/>).

funcionalidade da oposição e as dificuldades para o surgimento de um movimento democrático. Uma Lava Jato teria sido impossível na Venezuela e, não sem razão, tem sido o único país sem investigações sérias sobre a Odebrecht.

Na extraordinária obra de Domingo Alberto Rangel e Pedro Duno, encontramos as primeiras análises dos mecanismos de poder que implicam na degradação da vida: "os delitos e crimes mais vergonhosos adquirem características de feitos naturais" diziam em 1978. As lutas em torno da figura de Carlos Andrés Perez, nos anos setenta e noventa, são testemunhas de como, em um estado colonizado por facções, foram as lutas entre elas que impediu a captura e monopolização do estado por um desses grupos.

O Puntofijismo, um acordo para alternância no poder, expressava uma poliarquia, uma arquitetura de facções independentes que reconheciam as liberdades básicas da população, mas se reservavam o direito de usar a força letal contra ela. Vinte anos de lutas democráticas contínuas conquistaram não somente o voto secreto e universal, mas a liberdade de expressão e manifestação.

Cada partido sabia que não podia monopolizar o estado (como AD tentou fazer depois de 1945) não apenas por causa da oposição dos demais, mas porque o povo havia rechaçado a tirania nas ruas com tanta força que não era possível fazê-la regressar. Como havia divisões entre "os de cima" e certa autonomia dos de baixo, podia-se conter a corrupção até certo ponto. Por isso, Carlos André Perez foi destituído. Ele, que colocou seu amigo banqueiro como presidente do Banco Central e planejava entregar a indústria petrolífera a seus associados em um consórcio público-privado chamado Pentacom, já prefigurava a privatização do estado que estava no horizonte.

O chavismo, que conseguiu relegitimar o privilégio militar sobre a vida pública, é uma arquitetura monolítica, uma monarquia, um emaranhado de facções conectadas todas com um centro. Liberou a corrupção de todos os limites, pois o governo central, essa entidade quase divina, não respondia diante de a nada e não admitia autonomia alguma.

A diferença na tomada de poder por Chávez não é que retornamos ao estado patrimonial como no tempo das ditaduras militares, não é apenas que nada limita a privatização do estado, primeiramente, transformado em patrimônio de caudilho - ao melhor estilo de Batista, Somoza ou Trujillo - convertendo-se depois na sociedade

comandada por várias facções, mas que evolua ao que Mbembe chama "governo privado indireto", ou seja, se decomponha em um conjunto de meios de coação e controle para benefício de facções privadas.

O Governo Privado Indireto é uma forma inédita de estruturação social que caracteriza atualmente os Estados africanos. Esta forma de governo surge num contexto de grande desabastecimento, desinstitucionalização, violência generalizada e desterritorialização.

Neste caso, as facções capturam um estado em decomposição para um governo da população, do território e de seus recursos não mais no âmbito de um poder público, mas no âmbito das relações privadas: cobra-se uma taxa para fazer os trâmites, a polícia ou o militar extorquem a população, usa-se o poder do estado para designar um território a um grupo armado.

Todos estes tipos de fenômenos encontram-se na Venezuela com os passaportes e outras gestões, com as extorsões e roubos promovidos por policiais e militares nas estradas, com a associação das máfias da mineração ao sul do país e, durante muito tempo, nos cárceres privatizados por grupos armados. No caso da África, o governo privado indireto é produto da guerra e das privatizações, na Venezuela, o processo apenas inicia e sua causa é, precisamente, a dissolução da esfera pública devido à corrupção.

A violência também desempenha um papel, não só no conflito de grupos pelo controle do estado, mas na fragmentação aguda do território nacional espalhado em distintos tipos de periferias (urbanas, suburbanas, interior) onde as condições de vida são muito mais degradadas e, nas quais, novas assembleias sociais assentadas na violência foram se formando, vindo primeiro os bandos armados e, depois, os chamados pranatos, bandos criminosos que se movimentam entre as propriedades com controle territorial, quase um feudo<sup>4</sup>.

A fragmentação do estado em domínios de certos grupos ou figuras correu paralelamente com a do território e, ao menos desde 2001, começaram a ressoar uma com

---

<sup>4</sup> Pranato refere-se ao regime de poder e controle estabelecido nas prisões, por parte de criminosos destacados, conhecidos como Pranas. A palavra "Pran" é um acrônimo (P de preso, R, de "rematado", A, de assassino e N, de nato) usado para designar estes líderes carcerários. A eles cabem o controle dos demais presos, das rotinas e do acesso que cada um deles pode ter à comida, telefone celular, internet, etc. Como responsável pelos subornos das autoridades e funcionários, eles obtêm renda e lucro exercendo esta tarefa. (Nota do Revisor)



a outra. Por isso é que, durante anos, os cárceres venezuelanos estiveram privatizados de fato: administradas por máfias que pagavam às autoridades militares e civis uma porcentagem do que ganhavam mediante tributos cobrados dos prisioneiros, venda de drogas, sequestros e assassinatos planejados na prisão.

A prisão foi a vanguarda da privatização do estado e não houve melhor expressão dessa simpatia, entre a decomposição do estado e a do território, que a política das Zonas de Paz, muitas das quais deliberadamente, foram deixadas sob o poder de grupos armados que funcionavam como “pranato” em espaços abertos, enquanto toda uma “ideologia” de “*malandreo*”, de delinquência violenta, era promovida por emissoras de televisão como “Ávila Tv”, em que as facções culturais do chavismo fizeram do assassino a sangue frio um novo herói do povo e da esquerda.

Aquilo, porém, que o Pran é nos territórios fragmentados, também o funcionário corrupto, o mandatário, é no estado fragmentado. Assim, sob Chávez, as facções transformaram-se em verdadeiras máfias interestatais que, no caso dos serviços públicos, resultaram devastadoras. A razão pela qual o chavismo decompôs o estado - no sentido mecânico e biológico do termo - é porque o chavismo não tem partido no sentido soviético ou fascista: é caudilhisto, e para que o poder executivo pudesse controlar todo o aparato estatal, faltava uma rede de alianças e hierarquias que fossem definidas pela lealdade pessoal à nova classe dirigente. A lealdade se paga com impunidade; cada facção, cada operador deve ser capaz de apropriar-se de seu domínio livremente sempre que permaneça leal ao líder e, em geral, cumpra com o que se lhe pede.

Cada homem de confiança tem os seus próprios homens de confiança e se forma assim uma espécie de fractal clientelista, um emaranhado, que tem o estado como meio ambiente e fonte de recursos. O chavismo é um fim em si mesmo e nunca produz nada mais que a si mesmo.

Essa parece ser a razão pela qual não há uma única investigação importante sobre a corrupção no governo chavista; testemunhas de primeira mão, como Héctor Navarro mostram Chávez, ante graves denúncias de corrupção, apenas levando as mãos à cabeça

sem dizer nada<sup>5</sup>: a corrupção era parte necessária do mundo de Hugo Chávez, um componente desse ecossistema que é o estado. Como o delito violento era o do bairro só restava obter um benefício tático ou estratégico para ambos: não em vão, Alejandro Andrade, guarda-costas e querido amigo de Chávez, sem experiência em finanças, foi o tesoureiro nacional.

## O Mecanismo

Os números da Transparência Venezuela<sup>6</sup> e da Assembleia Nacional<sup>7</sup> coincidem: desde 2007 teriam gastado 38.000 milhões de dólares no sistema elétrico, dos quais, entre 23.000 e 25.000 teriam sido desviados: "o custo passou de 800 dólares por quilowatt para 2778 dólares por quilowatt, causando à nação um dano patrimonial de 25.381 milhões de dólares. A maioria dos projetos foi paga com sobretaxa. Estamos enfrentando um ato de corrupção massiva", diz o relatório da Assembleia Nacional.

É que, como aconteceu no Brasil, há um mecanismo de exploração da sociedade, do qual o sistema político corrupto é um aspecto cada vez mais visível. Um sistema de esquemas. Uma combinação de gangues (deveríamos chamar facções?) operando de forma especializada; só que ali, ainda foi possível responder de alguma forma à captura do estado pela "combinação de gangues" nos protestos de junho de 2013 e depois na Lava Jato. No entanto, a esquerda nunca conseguiu ver a corrupção como mais que um vício particular, sem dar-se conta que as propriedades saqueadoras do imperialismo ianque e sua capacidade de abrir as veias da América Latina há muito tempo foram contraídas pela

---

<sup>5</sup> "Pessoalmente, eu disse ao presidente Chávez o que aconteceu, que colocou as mãos na cabeça sem fazer nenhum comentário", diz Navarro, reação de Chávez quando soube que o Estado gastou milhões de dólares em turbinas usadas. "Héctor Navarro Considera que a crise no sistema elétrico é uma consequência da corrupção e do ponto de corte da deficiência na gestão". Punto de Corte. 16/04/2019. Disponível em <http://puntodecorte.com/hector-navarro-crisis-electrica-corrupcion/>

<sup>6</sup> "Transparência Venezuela disse que 61% do dinheiro para o sistema elétrico foi desviado". Tal Cual. 09/11/2018. Disponível em <https://talcualdigital.com/index.php/2018/11/09/transparencia-venezuela-dice-que-el-61-del-dinero-para-sistema-electrico-fue-desviado/>

<sup>7</sup> "A nação perdeu 25.381 milhões de dólares por má gestão do sistema elétrico". El Nacional. 16/02/2017. Disponível em [http://www.el-nacional.com/noticias/politica/25381-millones-perdio-nacion-por-mala-gestion-del-sistema-electrico\\_81211](http://www.el-nacional.com/noticias/politica/25381-millones-perdio-nacion-por-mala-gestion-del-sistema-electrico_81211)

classe política autóctone, incluindo a da esquerda que, para estes fins, não se distingue da direita.

Em La Pipa Rota, Duno e Rangel denunciaram simultaneamente a incompreensão fundamental que a esquerda tinha pela democracia e a imanência da burguesia venezuelana com o fluxo das receitas petrolíferas: mal podiam imaginar que, chegando ao poder, essa esquerda haveria de tirar de sua incompreensão e desprezo pela democracia seu próprio método para encontrar a "chave que abre o cinturão da castidade dos recursos naturais":

"As características que fazem do estado o beneficiário da depredação contra a natureza conferem ao orçamento as virtudes que os hebreus atribuíam ao Jeová do Pentateuco que criou o mundo do nada... O estado poderia criar, quando considerasse conveniente, novos grupos ou estratos na burguesia. Tudo depende da orientação do gasto público. Se os fundos fiscais vão para a construção de estradas ou moradias, qualquer modesto engenheiro poderia tornar-se um imitador de Onassis"<sup>8</sup>

A ironia ou o cinismo, na tomada do poder pelo chavismo, é que, por um lado, reduziram a um clichê a denúncia de "burguesia parasitária", mas não apenas criaram a própria - a burguesia bolivariana ou Boliburguesia - como enriqueceram ainda mais os grupos econômicos já estabelecidos. As fronteiras políticas foram ignoradas nas operações financeiras e a "oligarquia do dinheiro" do Country Club, além dos parentes dos dirigentes da oposição, seriam os principais beneficiários da Emergência Elétrica de Chávez.

Cadafé, a corporação elétrica estatal já era corrupta e clientelista, porém essa corrupção não alterava ou alterava pouco a dimensão técnica da empresa. Pode-se dizer que a circulação do dinheiro e a da energia elétrica eram em dois níveis separados.

Tudo isso mudou em 2002, quando Nervis Villalobos, hoje preso na Espanha, ao tomar o poder como Ministro da Energia e Minas, fez duas coisas que o diferenciaram dos ministros do período anterior: Destituíu a companhia e eliminou a distinção entre os cargos políticos e técnicos.

---

<sup>8</sup> RANGEL, Domingo Alberto e DUNO, Pedro. "La pipa rota. Elecciones 1978". Ed. Vadel Hermanos, Valencia, 1979.

Primeiro, aplicou um expurgo político às companhias de eletricidade usando a infame lista Tascón, que continha os nomes e dados de pessoas que haviam assinado a ação revocatória de Hugo Chávez: "Despediram os melhores engenheiros que tivemos em Enelven. Ele, pessoalmente, dirigiu a demissão e me pediu que renunciasse; Claro, eu não aceitei. Me aposentei em 2004"<sup>9</sup>.

É que, sob o impacto da greve dos petroleiros de 2002, Chávez se convenceu de que os funcionários tinham que ser, mais que eficientes, leais. O problema é que não tinha uma estratégia de "alta polícia" para gerar um novo corpo de técnicos no qual pudesse confiar os mecanismos preventivos de eventos como a greve dos petroleiros. Incapaz de uma solução complexa, de alta polícia, escolheu uma muito simples, clientelista, de baixa polícia: expurgar pessoas e substituir por outras leais [a ele], iniciando uma degradação que nunca foi revertida.

Logo em seguida, Villalobos, sendo ministro, ao mudar os estatutos da empresa que separavam o ministro do presidente, chegou à presidência da Cadafe, a estatal elétrica. A direção política daquele que decide como orientar um sistema técnico e a técnica daquele que opera esse sistema foram confundidas desde então, iniciando o processo que levaria à presidência da Corpoelec as figuras que não tinham familiaridade alguma com a indústria elétrica. Homens de confiança, nós na rede supra estatal.

Parece que o chavismo em si não acredita que a eletricidade, o petróleo ou a moeda sejam uma realidade com suas próprias determinações. Assim, por muito tempo se acreditou que a inflação era ideologia burguesa, que o betume era petróleo e poderia ser vendido ao mesmo preço.

Separadas as coisas de sua realidade, convertidas em expressão de alguma ideologia, a técnica, o saber fazer, foram progressivamente despachados como "tecnocracia", ideologia, formalismo burguês: Precisa-se de homens leais e dispostos, não de conhecedores das coisas, não buscar caminhos reais através da invenção, mas negar o real: a vaca pode ser uma mesa, a inflação é especulação e a crise obstétrica é "parto humanizado" se deixamos de crer na ideologia burguesa.

---

<sup>9</sup> "Nervis Villalobos, o homem da fortuna 'elétrica' em Andorra". Címax. 17/10/2018. Disponível em <http://elestimulo.com/climax/nervis-villalobos-el-hombre-de-la-fortuna-electrica-en-andorra/>

Para tanto, a assembleia, a combinação entre uma direção política e uma gestão técnica já não era relevante. Tudo isto converteu a indústria elétrica num domínio.

Villalobos já não era um ministro ou um gerente mais ou menos eficiente ou mais ou menos corrupto, ele era o representante de um domínio que não era sua propriedade privada, mas tampouco podia ser considerado público: "Durante sua presidência, a estatal administrou 643 milhões de dólares que seriam investidos em 223 projetos de transmissão (linhas e subestações). No entanto, tão somente 155 milhões de dólares foram investidos em projetos executados"<sup>10</sup>.

Com a Usina Hidrelétrica Fabricio Ojeda, chamada "La Vueltoza", no estado de Táchira, Villalobos foi pioneiro na produção de ruínas prematuras: concedeu ao consórcio Alstom Power Hidro o contrato que estaria pronto em 37 meses: "La Vueltoza começou a operar uma década mais tarde, e inacabada, em 2013. Ainda em 2018 não trabalha com total capacidade". O atraso custou pouco a Villalobos: a humilhação pública por Hugo Chávez, sem que houvesse consequências ou que se terminasse a obra.

O "humilde engenheiro" continuou sua carreira agora como operador financeiro na PDVSA, onde estava em condições de acumular uma gigantesca fortuna que terminaria por alertar as autoridades suíças: "Em 2007, Alstom foi acusada de pagar aos funcionários do Ministério da Energia e à estatal Cadafe milhares de dólares em subornos para "ganhar" o contrato da La Vueltoza".<sup>11</sup>

### **Êmulos de Onassis**

Alejandro Betancourt López ainda não completou 40 anos, é bisneto de Hermógenes López, o 22º presidente da Venezuela, tem pós-graduação na Universidade de Suffolk, em Massachusetts, uma carreira na indústria energética e representa tudo o que Chávez, em seus discursos emocionados, chamava de um oligarca. Tornou-se famoso na Espanha por adquirir a 22 milhões de Euros, uma propriedade de caça em Toledo, aos pés de um castelo.

---

<sup>10</sup> Ibidem

<sup>11</sup> "Maibort Petit: La Vueltoza: uma história de irregularidades e corrupção (Parte I). Bajo La Lupa. 25/07/2018. Disponível em <https://maibortpetit.wordpress.com/2018/07/25/maibort-petit-la-vueltoza-un-historial-de-irregularidades-y-corrupcion-parte-i/>

Entre os outros sócios da Derwick estão Francisco Convit Guruceaga, Pedro José Trebbau López, Francisco D'Agostino e Luis Fernando Vuteff Garcia. Nem sequer na Venezuela esses nomes dizem muito à maioria, mas realmente cada um deles é um signo: todos estão vinculados ou com as prestigiosas famílias do leste de Caracas, os antigos "Amos del Valle", ou com as figuras notórias da oposição: D'Agostino é cunhado de Henri Ramos Allup, o presidente da Assembleia Nacional, "um desacato" que prometeu tirar Maduro do poder em seis meses, e Vuteff Garcia é genro de Antonio Ledezma, outro proeminente líder da oposição que fugiu do país depois de uma dura prisão.

A este grupo foi dado o nome sem graça de "Bolichicos", por serem os juniores da Boliburguesia. Podemos perdoar as pessoas por abandonarem-se às fofocas sobre a amizade do filho mais velho de Hugo Chávez com o grupo de Derwick e sobre as ruidosas festas com prostitutas? Quando foi que a corrupção dos poderosos não fascinou as pessoas comuns? Além disso, não todos os dias acontece que caíam na prisão, na mesma emboscada, o genro de um líder da oposição "fugitivo" e um ex-ministro de Chávez: Vuteff García, genro de Ledezma foi detido junto a Nervis Villalobos em Madrid pela Brigada Central de Investigação de Lavagem de Dinheiro da Polícia Nacional.

Os escândalos de Derwick e dos Bolichicos tiveram o mesmo efeito revelador do acender a luz em uma orgia, uma orgia financeira: as conexões de Derwick revelaram que, longe de ter uma cesura, um corte intransponível entre os bandos, o dinheiro circulava numa rede contínua que iniciava na PDVS e Corpoelec e terminava nos bancos da Suíça e Andorra, passando através de todos os bandos: era a orgia das facções chavistas e antichavistas, políticas e empresariais, unidas pelo fluxo das finanças; e essa orgia parte da própria arquitetura do capital financeiro num país onde não existiam instituições republicanas ou controles democráticos que combatessem a corrupção, onde o compadre do Presidente da República, nomeado Tesoureiro Nacional, confessou ter recebido 1000 milhões de dólares em subornos<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> "Alejandro Andrade, o guarda-costas de Hugo Chávez e ex-tesoureiro da Venezuela, que confessou a arrecadação de US \$ 1.000 milhões em subornos". BBC News Mundo. 27/11/2018. Disponível em <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-46306751>.

Desde então, os massivos movimentos de capitais saídos da Venezuela desencadearam todos os alarmes e foram objeto de intenso escrutínio pela imprensa nacional e internacional, além das investigações de autoridades de diversos países como Suíça e EUA que recaíram sobre Derwick, por suspeita de lavagem de dinheiro através dos bancos suíços<sup>13</sup>.

Foi precisamente a "emergência elétrica" decretada por Chávez em 2009 que selou o destino do sistema elétrico venezuelano por uma década, igual aos tempos de Duno e Rangel: o estado poderia criar, quando julgasse conveniente, novos grupos ou estratos na burguesia. Tudo depende da orientação do gasto público.

O fato é que a "emergência elétrica" é parte da teatralidade militar com a qual Chávez fingia eficiência e sob o pretexto de desburocratização acabou com os concursos, possibilitando as cessões diretas de contratos; e assim, da Corpoelec se concediam a dedo contratos de milhares de dólares. Entre outubro de 2009 e dezembro de 2010, a Derwick Associates obteve "12 contratos no valor de 2.200 milhões de dólares por vender turbinas usadas como novas na Venezuela<sup>14</sup>.

Como ninguém em Derwick sabia nada de eletricidade, a empresa subcontratou a ProEnergy e junto com ela conseguiu a alocação...para a venda de 42 turbinas, 81% delas de segunda e terceira mão, trazidas de lugares tão diversos como Califórnia, Mississippi, China, Qatar e Tanzânia... Todas foram reparadas, para serem pagas como novas, com o conhecimento dos funcionários das instituições venezuelanas, segundo demonstram os documentos oficiais<sup>15</sup>.

## **País Minado**

Derwick poderia ter feito uma fortuna vendendo equipamento em boas condições. Ainda mais porque o sobrepreço lhe estava garantido. Ele escolheu, no entanto, vender a

<sup>13</sup> "O dinheiro da crise elétrica venezuelana se escondeu na Suíça" ArmandoInfo. Marcus García Rey e César Bátiz. 06/05/2018. Disponível em <https://armando.info/Reportajes/Resume/2433>.

<sup>14</sup> "9 años de crisis: Qué'n'bajó los breques' a la electricidad emn Venezuela?".Tu Reporte. Reina Carreño. 22/03/2018. Disponível em <http://tureporte.com/desde-15-anos-la-crisis-electrica-les-baja-los-breques-los-venezolanos/>.

<sup>15</sup> Ibidem.

"sucata elétrica", dar o mínimo e conseguir o máximo possível, deixando o país no meio de um desastre muito mais profundo. O fato é que tanto o chavismo como a facção empresarial de Alejandro Betancourt decompueram o país para se alimentar: os primeiros ganhando um poder absoluto, os segundos uma riqueza imensa.

As facções, com seus "esquemas de esquemas", são os que medeiam entre esse poder absoluto, essa enorme riqueza e a ruína de cidades como Maracaibo. País decomposto por ser dominado, decomposto por ser saqueado, mas também dominado e saqueado porque estava muito decomposto. Dentro desta lógica, nem o domínio nem as riquezas podem ter limites, por isso, mantêm-se chefes incompetentes, embora de confiança, em setores fundamentais. Por isso o governo se agarra ao poder, por isso Derwick decidiu vender sucata.

A fome das facções é ilimitada, metafísica e lhes exige transformar o país em uma mina: uma fonte de recursos, de materiais.

Nessas condições, não se trata apenas da tomada de poder macroscópica, molar, que entre 2002 e 2005 transformou Chávez em quase o proprietário privado do estado, mas de um movimento microscópico, molecular, de apropriação que vai desde o funcionário que permanece com o carro do ministério às mais fantásticas fraudes. Capturar o estado, é o que faz o chavismo: escritório por escritório, orçamento por orçamento; capturar um fluxo de receita, de capitais - é uma verdadeira tomada de poder dentro do estado por facções pequenas e grandes.

Capturar o estado, porém, é um fim em si mesmo e também parte do processo de capturar o país. O monólito com que sonhava Hugo Chávez, no qual toda a Venezuela era a extensão de seu corpo e alma, não era apenas uma agregação de pessoas, mas de recursos naturais, maquinarias e recursos, uma extensão "cibernética" da pessoa do caudilho, do seu sistema nervoso: cibernética clientelista, caudilhismo midiático.

Nesse sentido, os poços de petróleo e a represa de Guri eram parte de Chávez e eram propriedade de Chávez que, no entanto, tomou o controle deles através das pessoas de confiança. Todo o estado assumiu, devido a isso, uma qualidade feudal: território e estado se enchem de domínios quase privados: sejam prisões privatizadas, "zonas de paz" cedidas em feudo a grupos criminosos ou instituições entregues a funcionários que lidam com elas conforme bem entenderem.



Nas apropriações há domínios que são tomados por uma facção: uma prisão para um Pran, um ministério para um funcionário. O Tesouro Nacional era o domínio de Alejandro Andrade, assim como a prisão de Margarita era o domínio de "El Conejo". O primeiro não tinha poder de vida e morte sobre seus empregados, mas não respondia a ninguém além de a Chávez, e usava os recursos a seu critério. O segundo tinha uma espécie de concessão do governo nacional que fazia da prisão uma espécie de feudo.

Os domínios, os fragmentos são limitados, portanto, disputados. Eles são dados aos leais, embora, durante vários anos, Chávez tenha permitido que a oposição ocupasse governos e prefeituras, as quais se tornaram domínio de verdadeiras facções criminosas, como as de governadores com Lapi ou Rosales.

Entretanto, enquanto a apropriação, o domínio, é uma assembleia que olha para dentro, os saqueios olham para fora: o saqueio é a extração dos benefícios do domínio, da apropriação. Ainda que o chavismo organize as facções em "feudos", por clientelas, por subordinação, este não é um mundo feudal: de cada domínio são extraídos recursos financeiros, dinheiro que, sendo capaz de circular e multiplicar, torna possíveis acordos, conexões e comunicações entre diferentes facções ao longo do espectro político: se a divisão dos domínios separa as facções, o fluxo do dinheiro as vinculam.

A profunda afinidade de Chávez com a corrupção parece não apenas ser a consequência do deixar saquear como pagamento pela lealdade, senão que o fluxo do dinheiro integrava, unia aos próprios e estranhos, criava dependências e alianças: inclusive, a classe média mais raivosamente antichavista dependia do governo que, praticamente, lhe dava dólares subsidiados.

O domínio olha para dentro, para minas, poços de petróleo, prisões, ministérios, governos e os saqueios para fora, para a Suíça e Andorra se criam dois polos: um de opulência, de máxima riqueza, o mundo de Juan Planchard com castelos andaluzes e o mundo dos apagões, das prisões superlotadas, dos bairros entregues ao crime, da inflação e das fábricas fechadas: o país se deprimia e empobrecia, enquanto as facções enriqueciam.

Durante muitos anos, as autoridades, especialmente as militares, extraíram importantes recursos das prisões em que os presos, abandonados ao apodrecimento, inventaram uma forma de ordem, de autogoverno: o pranato, um poder de vida e morte que organiza a vida no cárcere, mas também extrai tributos dos prisioneiros ("a causa") e

de distintos negócios. Neste esquema, os militares, "os verdes", recebiam parte do lucro: o domínio extraía dinheiro circulante, até mesmo investigadores aficionados em chavismo observaram que aumentar a população carcerária acabou sendo um recurso para gerar capital<sup>16</sup>.

No entanto, apesar de que o chavismo tivesse uma enorme tolerância com o pranato e o transformasse em um modelo para controlar o território com "as zonas de paz", o pranato era muito instável e explosivo e, depois de várias tentativas malsucedidas de recrutar pranos e chefes de gangues, mudou a política<sup>17</sup>; enquanto os pranos penitenciários desapareciam, surgiam os das minas no sul do país, que organizaram a extração artesanal do ouro em um regime quase feudal<sup>18</sup>: na medida que a natureza é destruída e a população é dominada, o ouro - agora a principal fonte do governo - flui para a Rússia e para a Turquia, destruindo os canais de Caroní que impulsionam as turbinas de Guri, única fonte de energia elétrica e agora quase colapsada devido ao abuso e abandono.

O Caroní liquefeito, destruído, transformado em lama e sujeira pelas minas, Guri à beira do colapso com a maioria das ciclópicas turbinas paradas, a indústria elétrica descapitalizada e sem trabalhadores, toda essa maquinaria que ligava os venezuelanos à natureza, ao poder natural com o trabalho humano, foi apropriado e saqueado: o que resta é repartido no racionamento elétrico.

E em meio à ruína de Guri e de Caroní, outra ruína distinta. A ruína prematura de Tocoma, símbolo de todas as coisas que, graças ao saqueio, nem sequer chegaram a ser....

---

<sup>16</sup> "Chaveiros' e 'pranos', paralelismos dos cárceres no Brasil e Venezuela". Efecto Cocuyo. Vanessa Moreno Losada. 11/05/2018. Disponível em <http://efectococuyo.com/la-humanidad/chaveiros-y-pranes-paralelismos-de-las-carceles-en-brasil-y-venezuela-instintodevida/>

<sup>17</sup> "Figura de 'pran' nos cárceres venezuelanos começa a desaparecer pelo regime militar". Diario Las Américas. 17/02/2017. Disponível em <https://www.diariolasamericas.com/america-latina/figura-del-pran-carceles-venezolanas-comienza-desaparecer-regimen-militar-n4115148>.

<sup>18</sup> O livro "Venezuela desde dentro. Oito pesquisas para um debate necessário", organizado por GABBERT, Karin & MARTINEZ, Alexandra, tem dois excelentes trabalhos sobre o pranato mineiro. Disponível em [https://www.rosalux.org.ec/pdfs/VENEZUELA-DESDE-ADENTRO\\_12.pdf](https://www.rosalux.org.ec/pdfs/VENEZUELA-DESDE-ADENTRO_12.pdf).